

Os alunos

De volta ao ISA, desta vez venho ter com Catarina, que foi aluna do Pedro e está agora a acabar o mestrado. Encontramo-nos à entrada do edifício principal e, a caminho do Chalé. Não perde tempo: “todos os alunos gostavam do professor Pedro, pela relação que ele fazia questão de ter com cada aluno; queria conhecer cada aluno e era muito mais atento do que nós achávamos! Era muito nosso amigo”.

Uma das coisas que **só o Professor Pedro fazia** ... “Na primeira cadeira que tínhamos com ele, o Professor fazia-nos uma entrevista um a um, sozinhos no gabinete dele. E fazia-nos uma pergunta sobre a nossa vida toda e depois tirava-nos uma fotografia, que depois na última cadeira que tivéssemos com ele nos mostrava. Fazia também imensas **visitas de estudo**, com grandes almoços e isso era o que unia as turmas e os professores das turmas. Organizava sempre visitas de estudo que incluíam almoço, mais uma vez com o intuito de que as pessoas se conhecessem...e não ser só estar só atrás da carteira nas aulas”.

Na organização das **missões universitárias** de 2014 do ISA, de que Catarina fazia parte, decidiram convidar o Professor Pedro para dar um testemunho. Lembra que foi particularmente marcante: “Nós não só vimos o professor fora da aula, como vimos um professor metido num programa de alunos e a dar-nos um testemunho sobre a sua vida. O professor começou por dizer *pediram-me para falar sobre como é ser católico no dia-a-dia e eu não posso falar sobre isto, sem falar daquilo que está realmente presente na minha vida, que é a família*. Também nas aulas acontecia isso, achávamos que ia acontecer uma coisa e acontecia outra. Acima de tudo porque mais do que nos ensinar as coisas, ensinava-nos a pensar sobre elas”.

O que mais impressionou Catarina foi que “o professor teve uma vida desafiante, com muitas exigências de Deus e ele ao falar naquele testemunho teve a mesma atitude que teve todos os dias, que é a de nunca o termos visto triste. Aquilo que o professor estava a contar não era ‘como é que a vida desafiante dele o tinha marcado’, mas sim ‘como é que Deus o tinha puxado através dos desafios que lhe tinha posto à frente”.

Conta que quando o convidou, o professor respondeu: “*Sim, sim, vou lá falar. Mas olhe gostaria de falar consigo sobre uma outra coisa. O que é que se anda a passar consigo?*”. Tinha percebido que as notas da Catarina estavam a descer. Surpreendida, respondeu: *Sabe professor, eu se calhar agora acho mais importante dar prioridade a isto da Missão, e entre prioridades...*”. E comenta, “e o professor, que eu achava que ia concordar comigo (se alguém, de entre todos os professores, iria concordar comigo, era o Professor Aguiar Pinto, que era O professor católico, que punha as citações da Bíblia nos slides, etc.) e ele disse: *Não não não! Nós precisamos de bons profissionais! Antes de todas as coisas que você acha que está a fazer para o bem da Humanidade, antes disso tem uma obrigação e é esta obrigação!*”

Chegamos ao Chalé, desta vez, para falar com Ricardo, ex-aluno e assistente do Pedro. A propósito da entrevista que fazia a cada aluno, Ricardo conta que foi uma inovação mais recente: “eu noto, primeiro como aluno e depois como colega, que a relação que ele tinha com os alunos ia evoluindo muitíssimo, no sentido de se preocupar mais com a pessoa. Tinha um cuidado; preocupava-se muito; não era só dar a nota e pronto; sempre que um aluno estava em risco de chumbar chamava-o, chamava-me (eu dava as práticas) e falávamos discutíamos aquele aluno em particular”.

Sobre **a amizade** entre os dois, conta-nos que “começa muito pela parte técnica, como aluno, depois como meu orientador. E depois surge o resto. É das poucas pessoas que conheço que tinha uma autoridade moral. Quando falava dizia coisas muito acertadas. Falava pouco, mas quando falava desarmava, e muitas vezes ali naquele gabinete apanhei umas correções; e pronto, tinha razão!”.

Acrescenta, com admiração, que “Tecnicamente o Professor Aguiar foi um pioneiro. Todos os trabalhos que há em Portugal que têm como base a modelação de culturas, têm como base a escola que ele fundou em Portugal. O que faz a análise de sistemas é agarrar em todos os especialistas e especialidades da agricultura e integrar tudo num só sistema articulado. O especialista dedica-se à folha e é preciso alguém para ver a floresta”.

Com vivacidade, Ricardo nota ainda: “não pertencendo eu a dois terços do seu mundo, tínhamos uma afinidade impressionante! Eu não sou católico, apesar de baptizado, não sou praticante. Nós

nem politicamente estávamos de acordo, mas tínhamos uma grande afinidade! E isso é curioso, porque demonstra que não é necessário pensar igual para termos uma amizade”.

Catarina confirma: “O Professor não se aproximava dos alunos que eram iguais a ele. Nunca deu mais atenção aos alunos católicos. Não havia nenhuma distinção. Sabia o nome de todos os alunos, todos os alunos eram iguais, nunca fez perguntas a favor dele, do gênero “*como é que tu és parecido comigo?*”

Ricardo lembra ainda que “uma coisa que o Professor Aguiar dizia muito e que ele achava fascinante na agricultura era o inexplicável na criação da vida, de chegar ali e pôr uma semente e surgir... aquilo fascinava-o. Nós até conseguimos perceber as enzimas todas e tudo o mais, mas há aqui uma parte misteriosa. E o Professor alimentava muito este fascínio. Há ali qualquer coisa que não se explica. E eu, que sou ateu, não tenho espaço para isto!”

Volto com a Catarina para a entrada da faculdade. No caminho, desabafa: “A vida do professor lembra-me a história de Job, era muito devoto e Deus foi-lhe tirando tudo. E ainda assim, era mais feliz do que todos nós!”